



Como “montar” uma manifestação em 25 dias

O PÚBLICO acompanhou os bastidores da organização do protesto da CGTP. São esperadas 20 mil pessoas e um pouco de chuva: “Manifestação molhada é manifestação abençoada”

Reportagem

Luciano Alvarez Texto
Daniel Rocha Fotografia

No número 19 da alfacinha Avenida Álvares Cabral, vive-se alguma azáfama. Na manhã de quinta-feira, ainda não são 9h30 e, junto à porta, perfilam-se já dois carros com bandeiras da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical (CGTP-IN) e altifalantes nos tejadilhos. Serão conduzidos por membros da “inter” reformados e vão espalhar pelas ruas de Lisboa e arredores a mensagem de que dois dias depois se realiza mais uma manifestação nacional da CGTP. “Avançar é preciso” é o lema do protesto onde se esperam cerca de 20 mil manifestantes. Já no pátio e nos armazéns do velho palacete renovado, sede da

União de Sindicatos de Lisboa (USL), uma dúzia de homens e mulheres executa as últimas tarefas para que nada falhe na marcha que, a partir das 14h30, vai ligar o Marquês de Pombal aos Restauradores. Espalham-se pancartas (cartazes e faixas de propaganda) pelo chão, remodelam-se cartazes trocando velhas reivindicações por novas, amarram-se bandeiras às centenas e, por telemóvel, resolvem-se problemas de última hora.

“Ao todo, já foram utilizados e vão ser usados mais de meio milhão de documentos nos mais diversos materiais, como cartazes, panfletos e pendões, por exemplo”, conta Nuno Almeida, de 43 anos, que é desde 2016 organizador de manifestações e outros eventos da CGTP. “Sou uma espécie de mestre-de-cerimónias, mas o que conta é a equipa que a nível nacional monta toda a operação”, acrescenta.



“A operação” está na recta final, mas arrancou no momento imediato ao anúncio por parte da CGTP da manifestação nacional, a 26 de Outubro, um dia antes do chumbo do Orçamento. Primeiro passo: “desenhar” tudo o que é preciso fazer por parte da USL e espalhar instruções para as dezenas de sindicatos do país.

O documento sobre a logística da operação e sobre as razões do desfile, a que o PÚBLICO teve acesso, reúne “algumas notas importantes” para “fazer de mais este dia uma grande jornada de luta para os trabalhadores”. O texto revela que, só no distrito de Lisboa, além dos materiais enviados para todo o país, vão ser distribuídos 31 mil manifestos (panfletos), 500 cartazes, 130 faixas de rua e 300 pendões, especificando os locais onde devem ser colocados e a que sindicatos cabe a tarefa.

Salienta também a importância da “animação e participação na

manifestação” e de nela serem reflectidos “os problemas e reivindicações” de todos os sectores. Por isso, é solicitado aos sindicatos que levem para a marcha “panos, pancartas bandeiras” e outros materiais e que se façam acompanhar também por “carros de som e megafones”.

Esta manifestação acontece numa conjuntura negativa para o sindicalismo, apesar de os números de filiados na CGTP estarem a crescer. Ao PÚBLICO, o sociólogo Elísio Estanque fala sobre a perda de influência dos sindicatos que se verifica a nível mundial. Mas esse é assunto a que voltaremos mais tarde.

Dois comboios especiais mais de 50 autocarros

Nuno Almeida é o “gestor” de outro documento importante: a lista de autocarros necessários para trazer os manifestantes para

Lisboa, com informações sobre de onde partem e a que horas. Na quinta-feira, a lista ainda não estava fechada, mas, face às inscrições, o sindicalista antecipava “entre 50 e 60” autocarros. “Há ainda dois comboios especiais que partem do Porto com 1600 passageiros – o equivalente a 32 autocarros.”

Quando se trata de organizar uma manifestação nacional, nada é deixado ao acaso. Nuno Almeida mostra ao PÚBLICO um mapa da Praça do Marquês do Pombal, já enviado para todos os sindicatos, no qual estão assinalados os locais onde se devem posicionar os representantes dos diversos distritos até às 14h30 e a ordem de entrada na marcha. À cabeça da manifestação vão os dirigentes da CGTP, seguem-se os balões de ar (cerca de 30, o maior número numa manifestação até hoje), os tocadores de bombo, a Interjovem.

Outra das preocupações da

Nuno Almeida

O dirigente sindical descreve-se como “uma espécie de mestre de cerimónias” das manifestações

Participação

São esperadas cerca de 20 mil pessoas na manifestação nacional de hoje, que começa no Marquês de Pombal às 14h30

organização é a segurança dos manifestantes. Para evitar eventuais problemas, além das reuniões com a PSP, a CGTP recolheu dados sobre outros eventos previstos (dois) perto da Avenida da Liberdade, e não adivinham problemas porque “não se prevê cruzamento” de pessoas. Um deles será a marcha do movimento antimáscaras e o outro é uma concentração contra o regime de Cuba.

“O que nos preocupa neste momento é que, a partir das 16h, pode chover em Lisboa, mas manifestação molhada é manifestação abençoada”, diz.

Nuno Almeida mostra ao PÚBLICO um dos armazéns com diverso material de propaganda, todo catalogado. “Há aqui tarjas com 30 anos, cujas frases ainda são actuais. Vão de manifestação para manifestação porque o que reclamam ainda não teve resposta. Algumas até vão





para a manifestação” de hoje.

Funcionário da Câmara de Lisboa, Nuno Almeida já tem uma vasta experiência na organização deste tipo de eventos, mas diz sentir sempre “alguma ansiedade” até à hora do arranque da marcha. Até porque não há duas manifestações iguais. “São sempre tempos e circunstâncias diferentes, os imprevistos podem aparecer. Depois, tudo acaba e é correr para casa para ver como os telejornais trataram o nosso evento”, descreve. E é aqui que “surtem algumas frustrações”. “Às vezes, há jogos de futebol que têm mais atenção”, reclama.

Durante a conversa com o PÚBLICO, Nuno Almeida recebe uma informação que o deixa preocupado: nos Restauradores, no lugar onde está planeado montar-se o palco para os discursos finais, foi “colocado um enorme cartaz” de promoção do festival Super Bock em Stock, que

impede a construção do palco.

O dirigente sindical conta o sucedido a Libério Rodrigues, dirigente da USL. “Vamos lá passar daqui a bocado e resolver o problema. Estamos aqui para resolver problemas”, garante.

Libério, de 64 anos, é uma das caras mais conhecidas da CGTP, onde está “há mais de 30 anos”. Já perdeu a conta às manifestações em que participou, mas ainda hoje diz sentir “um friozinho no estômago” nos dias que as antecedem. “São momentos muito especiais, muito importantes. As nossas reivindicações serão ouvidas, e temos sempre esperança de que ajudem a resolver os problemas dos portugueses”, diz.

As paredes da sede nacional da CGTP, na Rua Vitor Cordon, em Lisboa, contam a história dos quase 51 anos da central. Há cartazes emoldurados a anunciar congressos, manifestações e greves

realizados ao longo dos anos.

Isabel Camarinha tem tido dias intensos, juntando a organização da manifestação às reuniões da concertação social e visitas a empresas, mas arranja um espaço para receber o PÚBLICO.

“Tomei posse [como secretária-geral] a 14 de Fevereiro de 2020 e o confinamento foi decretado a 18 de Março. Posso afirmar que tenho tido o mandato da pandemia”, afirma a quarta líder da intersindical e primeira mulher a ocupar o cargo, sorrindo.

À primeira pergunta sobre as razões para a manifestação, a sindicalista solta uma dúzia de motivos. Os principais: “Aumento geral dos salários” e do salário mínimo “para 850 euros a curto prazo”; “35 horas de trabalho para todos”; “erradicar a precariedade”; “reforço dos serviços públicos” e “defesa da contratação colectiva”.

A cada nova pergunta, junta a estas reivindicações dezenas de

Razões

São muitas as questões que levam a CGTP a manifestar-se e o desemprego é uma das centrais na sua luta

outras como se não tivessem fim. Reparte-as com críticas às empresas e aos patrões “que não respeitam os direitos dos trabalhadores” e que se “aproveitaram da pandemia para lançar milhares para o desemprego e para mais precariedade”. O Governo e o PS também não são poupados por “não darem uma resposta efectiva aos problemas”.

Nega, porém, que hoje as relações entre a central e o Governo estejam mais azedas, depois de o PCP ter tido um contributo decisivo para o chumbo do Orçamento. Nem mais, nem menos. “Mesmo quando havia união dos partidos de esquerda, quando eram revertidas algumas medidas da *troika*, a CGTP sempre reclamou pela defesa dos direitos dos trabalhadores. Hoje estamos exactamente na mesma posição.”

Questionada sobre se não teme que algumas pessoas possam criticar a realização de uma grande



manifestação numa altura em que os casos de contaminação estão a crescer, Isabel Camarinha tem a resposta na ponta da língua: “Em 18 meses de pandemia, a CGTP organizou dezenas de acções, entre as quais um exemplar 1.º de Maio, e não há notícias de uma que tenha sido responsável por um surto.”

Por outro lado, embora o uso de máscara já não seja obrigatório na rua, a CGTP aconselhará o seu uso.

A pandemia não só não travou as acções da “inter”, como não impediu o crescimento do número de filiados. No final de Setembro de 2020, na comemoração do seu 50.º aniversário, a CGTP revelou ter 556.363 associados, quando há quatro anos tinha 550.500. Hoje, Isabel Camarinha estima que o número de sindicalizados seja superior ao do ano passado. “Com os abusos cometidos durante a pandemia, houve muita gente que se filiou na CGTP”, assegura. Um número “gordo”, mas muito longe

dos cerca de 1,5 milhões de filiados em 1974.

Central ainda com um “peso muito significativo”

Mas qual é hoje o valor da CGTP? Para Elisio Estanque, sociólogo que se dedica ao estudo do sindicalismo e movimentos sociais, a central ainda tem “um peso muito significativo” por “dominar sectores importantes da força de trabalho, como a educação ou os transportes”.

“Além disso, as movimentações reivindicativas e grevistas têm um alcance sociopolítico relevante. Perante a proximidade e influência do PCP no seu seio, esta central permanece como um poderoso instrumento de luta social”, acrescenta o docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais.

Ainda assim, entende que o

sindicalismo português, tal como o internacional, “tem vindo a perder influência e capacidade organizativa”. Para o investigador, nas últimas quatro décadas, “os sindicatos portugueses sofreram um dos declínios mais acentuados”, como refere um relatório recente da OCDE de acordo com o qual os sindicatos tinham uma influência na massa trabalhadora de 65% em finais da década de 1970, que passou para cerca de 15% em 2016.

“A tendência geral tem sido de decréscimo, agravado sobretudo com o aumento da desindustrialização, deslocalização para as periferias da actividade produtiva, a fragmentação do tecido empresarial e da força de trabalho no seu conjunto”, acrescenta. Para o sociólogo, o contexto de pós-pandemia, com potencialmente mais abusos por parte dos patrões, poderia dar um novo impulso ao movimento

Bastidores

A manifestação de hoje começou a ser organizada no dia em que foi anunciada, antes do chumbo do Orçamento

Isabel Camarinha

A líder da CGTP mostra-se satisfeita pelo facto de, nos últimos quatro anos, o número de sindicalizados ter subido

sindical. Porém, tem dúvidas de que tal venha a acontecer por causa da “vulnerabilidade geral da força de trabalho”, agravada “pela incapacidade de as actuais estruturas sindicais organizarem os novos sectores” laborais.

O estudivo aponta ainda “o individualismo crescente e a ignorância das novas gerações sobre a importância social dos sindicatos”, como factores que dificultam um novo impulso.

“Nos nossos estudos, há muito que afirmamos a necessidade de ‘reinvenção’ do campo sindical, a sua iliteracia digital – não souberam, até agora, capitalizar o activismo electrónico como ferramenta de comunicação e organização para atrair a juventude”, acrescenta. Como entaves a um novo impulso, acrescenta ainda “a burocracia e as oligarquias instaladas em lideranças que se eternizam nos lugares durante décadas”.